

ca da sinceridade, que lhe era ingrida, essa incunção nacionalista marcou-lhe acentuadamente o pensamento, a vocação, o campo de atividade profissional, o estilo literário; dirigiu-lhe o destino, dominou-lhe a vida, empolgou todo ele, enfim.

Atentemos, porém, para a causa determinante desse pendôr: a origem racial, ou melhor, o atavismo que o prendia a um passado remoto, diluído, talvez, num autoctonismo que não nos é possível desvendar. Fisicamente, denotava Euclides, nos traços, a sobrevivência de ancestrais mongóis, ou, mais precisamente, do elemento aborígine, antigo dono da terra: maçãs do rosto salientes, pouca barba, olhos pequenos — onde, ao fundo, as pupilas brilhavam, ora irrequietas, ora vagamente perdidas — cabelos pretos e duros, algo rebeldes; porte pequeno e fino, um todo de tristeza a envolver-lhe a figura. A face, por suas pronunciadas angulosidades e pelo tom bronze-mate, dir-se-ia falejada em caneleira. É o próprio Euclides que, possivelmente sem o pretender, nos diz de sua formação étnica, reconhecendo suas marcas evidentes, nesta confissão feita a Coelho Neto, na dedicatória de um retrato:

"Esta fisionomia,

De onde resalta ríspida expressão

Da face de um tapuia espantadíssimo..."

E a Lúcia de Mendonça faz alusão ao "meltingpot" processado no cadinho da nacionalidade, dizendo, sem esquecer seu avoengo de tanga, no verso de uma fotografia:

"... aí vai, para saudá-lo..."

... Este caboclo, este jagunço manso

— Mixto de celta, de tapuia e grego!"

Referir-se-á à sua "rigidez e finura nativa de caboclo ladino", à "vida triste deste caboclo malcriado e teimoso", assim demonstrando, e por várias vezes, um certo alarde por sua origem, na qual, justificadamente, só viu motivos para orgulhar-se.

Pois bem; foi esse "tapuia espantadíssimo", esse "caboclo malcriado" que um dia entrou para a Escola Militar da Praia Vermelha. Impulsivo, de irritante franqueza, aferrado às suas opiniões, graniticamente firme na estacada para defender seus ideais, revela-se em dado momento, por força dos pingos de sangue brasílico que lhe correm nas veias, o filho da selva; e, único entre tantos, sem medir consequências, arrebatadamente, dá um viva à República e desfeiteia o ministro da Guerra do Império, atirando-lhe aos pés a baioneta que não conseguira quebrar... E foi ainda por conta dessa pequenina dóse indígena entrada em sua formação que Euclides, num arranço, apresenta-se a Floriano para interpellá-lo sobre a prisão de seu sogro, o general Solon.

Alberto Rangel, que privou de sua intimidade, no-lo retrata como um tipo impermeável à mais rudimentar elegância, pois que tinha a simplicidade mameluca da gente da nossa hinterlândia, do "caipira" humilde e bom, se bem que bravo e desconfiado. Não se afazia às delicadezas e fatuidades sociais, à corriqueira hipocrisia humana, sendo absolutamente canhestro nesses assuntos, quando então mais se evidenciava sua figura sumida e tímida, de frente escampa, arcadas zigomáticas em resalto, olhos a faiscar "com revêrberos de incêndio à beira d'água e à noite".

A roupa, usava-a como o índio bisonho que a vestisse pela primeira vez. O casaco, mal azeitado, parecia ser-lhe incômodo, o pescoço era como que engulido por um colarinho inimigo, onde a gravata, de laço torto e bandas desiguais, terminava fugindo do vértice de um colete, cujos botões, em guerra permanente contra a ética da indumentária, acabavam ocupando as casas de que não eram inquilinos. Seus ásperos cabelos de borôo combinavam perfeitamente com um bigode despretençioso e maltratado. Vale a pena reproduzir este pedacinho de ouro de Alberto Rangel: "Não se encalamistrava, não se apavonava. E não sabemos mesmo que idéia poderia ter da patética degenerada dos casquilhos e francelhos abomináveis que nos infestam".

Na confirmação exuberante do seu feuto de sertanejo, encontramos-lo sem a alegria característica das gentes de outras plagas, de semblante corado e pisar duro. Euclides reconhece seu normal estado melancólico, tanto que se referira, em carta, à sua "tristeza congenial de bugre", além de enviar a José Veríssimo uma fotografia da Comissão do Alto Purús, valorizando-a com um soneto, em cujo último verso dirá que, entre os do grupo retratado, ele é "precisamente, o mais triste, o mais pálido, o mais feio". E quem poderá afirmar, em sã consciência, que o brasileiro é alegre? Não fosse ele, como disse Bilac em referência à música que lhe é inerente, uma "flôr amorosa de três raças tristes"...

Em Euclides, essa melancolia assinalou-se desde o bérço, a começar pelo nome do lugar onde abriu os olhos à vida: Fazenda da Saudade. A sua tristeza juntou-se o fatalismo ingênuo do caboclo, que o induzia a aceitar,

essa "maldade obscura e inconsciente das coisas, que inspirou aos gregos a concepção indecisa da Fatalidade?"

Bem de vêr-se que, em seu ânimo, quando não era o índio triste, era o mameluco fatalista que falava ou agia.

Vêm-lhe, amiúde, saudades inexplicáveis, que não passam, entretanto, do grito interior da tribo perdida no tempo a apelar por seu filho. Abomina a cidade, sendo sua aspiração máxima "deixar de vez este meio deplorável, com as suas avenidas, os seus automóveis, os seus "smarts" e as suas fantasmagorias de civilização pesteadas. Que saudades do escrito de fôlhas de zinco e sarrafos, da margem do rio Pardo!"

Anseia por mergulhar no deserto: alimenta o sonho de um passeio ao Acre. A partida para o Alto Purús, é ainda o seu maior, o seu mais belo e arrojado ideal. Aguarda a "selva selvaggia" misteriosa e salvadora, onde pretende entrar "com os arremessos britânicos de um Livingstone e a desesperança italiana de uma Lara"...

O sertão comburido de Canudos, o retiro do rio Pardo, a solidão amena da tebaida de Vila Glicínia, em Manaus, dizem muito àquela alma torturada e incompreendida, mas não a satisfazem inteiramente, porque seu anelo é sentir a floresta e a imensidade verde em toda sua pujança e agressividade, menos por inclinação panteísta do que pela necessidade de se embuir da seiva do passado. E longe, bem longe das cidades, onde "para tudo faz-se mistér o pedido e o empenho — duas coisas que lhe repugnavam — em meio ao misticismo bárbaro da natureza brasílica e no gôzo eufórico de um conforto estranho, que os "pais da pátria", acostumados à facilidade de vida e à macieira fôfa das poltronas, repeliriam horrorizados, a aspiração suprema ao dizer: "Obedeço ao meu belo destino de caçador de perigos e à eterna ilusão de ser útil à nossa terra, que merece tudo." E mais nitidamente declarado ao afirmar suas esperanças na realização do seu ideal de bandeirante: Que melhor serviço poderei prestar à nossa terra? Não desejo Europa, o "boulevard", os brilhos de uma posição, desejo o sertão, a picada malgradada, e a vida afanosa e triste do pioneiro."

Essa vocação patriótica, manifestada por motivo independente de sua vontade, pois que lhe vinha da própria essência, surge nimbada de altanería e civismo no momento solene em que, além da fronteira, no rincão de Curanja, onde tremulava o pavilhão peruano, Euclides dá, de maneira elegante, mas enérgica, a formidável lição, correspondente à mais bela das orações à Bandeira, que Coelho Neto narrou no episódio da "dracena", quando do ágape oferecido pelo "ciudadano" Elói Barbarán.

O Brasil palpitava inteiro dentro de Euclides que, eterno enamorado, tinha-o consigo em seus estudos de geografia humana e física, conservava-o no coração ao pesquisar-lhe a história militar e política, retinha-o nos olhos, fixando-lhe a inigualável paisagem de selvas e montanhas, de largos rios e românticas lagôas. Sua alma era sua pátria. E não há exagêro na afirmativa, pois mesmo nas vezes em que, momentaneamente desanimado, se refere "à pasmaceira trágica deste país que esperneia galvanizado na Praia Vermelha e morre à fome nos sertões", obrigando-o a fugir, através dos livros, para o convívio de outras gentes, ainda vamos encontrar uma explosão de nacionalismo, por isso que traduz o protesto de quem se reconhece, desgraçadamente, impotente para transformar, de súbito, os defeitos de sua terra em virtudes que a redoiem.

Tôdas essas manifestações exteriores deixam à mostra o caboclo que, a despeito da civilização, não perdeu suas qualidades marcantes, entre as quais o cumprimento do dever e os ditames da honra se estampam, inamalgáveis, em seu rosto côr de bronze. Longe iríamos na exemplificação da assertiva; ater-nos-emos, pois, à citação apenas de um ou outro fato mais frisante. Destarte, vem-nos logo à mente o episódio de Euclides a bordo de um pequeno rebocador, numa cinzenta madrugada, sob a chuva, aos solavancos de um mar tempestuoso e lúgubre, ouvindo a litanía sinistra dos elementos em fúria, a insistir na realização da travessia entre a ilha deserta dos Búsios e a da Vitória, no litoral paulista. Não cuidava da vida, porque o preocupava unicamente um exagerado sentimento de dever. E aferrado a êle, desdenhava do perigo, para dizer, semblante alterado, em patético esgar: "A ordem é ir à Vitória; é preciso que vamos!"

Outra passagem empolgante é, por certo, a da sua investida, doente, de Manáus para o Alto Purús, aventura em cujo avançado decurso, à vista das lanchas encahadas e do desânimo geral, exclamaria, alma posta no seu dever, decidido resolutamente e sem embargo das consequências, a ir até o fim: Para a frente, mesmo que seja a pé!"

Francisco Escobar, seu confidênte, o seu interior colaborador no êrmo de São-José-do-Rio-Pardo."

Parece-nos que temos dito bastante para mostrar que, em Euclides, ao lado do caldeamento racial que lhe transparecia na estampa, eclodiam também, para mais enobrecê-lo, as virtudes da gente primitiva destes Brasis.